

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR E PARA O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL DAS CRIANÇAS

Autora: Ellen Thayse Pereira de Oliveira; Orientadora: Priscila de Sousa Barbosa
Universidade Estadual do Maranhão; eelen_toliveira@hotmail.com; priscila.sousa.barbosa@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como finalidade apresentar uma discussão sobre como o brincar pode contribuir para a construção da linguagem oral das crianças, apresentando formas do professor trabalhar a mesma em sala de aula, com o uso, por exemplo, de textos em forma de músicas, parlendas, trava-língua, contação de histórias, rodas de conversa e outros meios, de forma que o momento do brincar seja atrativo e prazeroso para os pequeninos. Como suporte para a reflexão optou-se pela contribuição de Augusto (2011), Brasil (1998), Chaer e Guimarães (2012), Depresbíteris (1989), Hoffman (2007), Machado (1995), Meira (2004), Vygotsky (1987). Para que isso ocorra, é necessário que a escola e os pais conheçam os benefícios do brincar, a ação ajuda as crianças a se desenvolverem de forma física e intelectual, exercitando sua imaginação, aperfeiçoando o respeito aos limites e emoções, e construindo relações sociais com colegas e adultos, a partir dessa base é que se pode relacioná-la com a aquisição da fala. A instituição de ensino também se torna responsável pelo aperfeiçoamento dessa linguagem, deve apresentar ambiente e tempo adequado para a construção desse conhecimento fundamental, que acompanhará a criança por toda sua vida escolar. Como a oralidade faz parte do processo de ensino-aprendizagem precisa ser avaliada, e o tipo de avaliação que mais se encaixa nessa fase é a diagnóstica, que tem como objetivo verificar e levantar os pontos fracos e fortes da criança em determinada área de conhecimento. Conforme as informações obtidas, o professor saberá de que forma proceder para melhorar o desempenho das crianças, tendo em vista que a linguagem oral é o sistema pela qual podemos comunicar nossas ideias e sentimentos, e necessitamos dela para nosso convívio social.

Palavras-chave: Brincar, Linguagem oral, Criança.

INTRODUÇÃO

O brincar e a brincadeira estão presentes em todos os momentos da história da humanidade, vem mantendo sua base na imaginação e recriação, em diferentes espaços e situações. É algo natural na vida da criança, faz parte do seu dia a dia, e lhe proporciona alegria imediata. No passado, o ato do brincar era mal visto, sinônimo de irreverência e desinteresse, e até hoje em algumas culturas não existe a percepção de que brincar é essencial na vida humana (FRIEDMANN, 2004).

O ser humano começa a brincar desde muito cedo, mais precisamente na barriga da mãe, onde encontra o cordão umbilical, ele puxa, toca, e chuta, de certa forma é o seu primeiro brinquedo, desde ali já começa a se comunicar através dessas ações. Quando nasce, a criança se desenvolve a partir das interações com o meio externo, são suas primeiras situações de convívio social, quem participa dessa fase cumpre o

papel de mediador, pois está fazendo parte da construção do conhecimento e ajudando o bebê a passar de um estágio para o outro.

Mediante a brincadeira, a criança consegue vencer os limites, vivenciando situações que vão além da sua idade, segundo Vygotsky (1987) ela desenvolve sua consciência e passa a refletir, propor soluções e resolver problemas, respeitar as regras de organização que no futuro irão lhe auxiliar na função de compreender a realidade a qual está inserida. Além de ajudar no autoconhecimento, elevação da autoestima, desenvolvimento do raciocínio lógico, inteligência e capacidade corporal físico-motora.

As crianças aprendem sobre o mundo mediante sua interação com outras pessoas, a partir da vivência desses momentos ela vai construindo sua própria experiência e visão sobre o mundo, por isso é importante considerar a brincadeira como um fenômeno cultural. A criança inventa brincadeiras com um simples movimento do corpo, quanto melhor for o ato do brincar, maior será a qualidade do seu desenvolvimento cognitivo.

Mas o que ocorre em muitos casos é quando os próprios pais privam os filhos de brincar, por achar que podem se machucar ou por pensar que a criança por ser muito ativa é porque é hiperativa ou muito “elétrica”, como costumam falar. E infelizmente muitos acham que a criança parada e quieta é sinônimo, de bom comportamento, é claro que existem momentos onde essa atitude faz-se necessária, mas não deve estar dessa maneira o tempo todo, precisam se movimentar.

O presente artigo tem como objetivo apresentar aos pais, professores e escola os benefícios da brincadeira, de que forma ela vem contribuir para a formação da oralidade na criança, quais instrumentos devem ser usados nessa fase e qual a maneira adequada de realizar uma avaliação de aprendizagem nessa linguagem específica, tendo em vista a mudança da forma de brincar das crianças atualmente e as consequências dessa transformação.

METODOLOGIA

Visando analisar o tema em questão, este artigo será guiado por pesquisas bibliográficas, de maneira que as mesmas contribuirão para o entendimento da valorização da brincadeira na infância, apresentando técnicas que possam aperfeiçoar esse momento.

O estudo buscará respostas em autores que reconhecem a grandeza dessa ação. Após levantamento, a pesquisa será dividida em três momentos, o

primeiro será o questionamento referente à justificativa do brincar na infância, o segundo será fundamentado no acréscimo que esse ato pode proporcionar a aquisição da linguagem oral, e o terceiro momento que dirá como avaliar tal procedimento.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Bem sabemos que o ato de brincar é constante na vida de uma criança, a infância é o momento propício para que a mesma descubra inúmeras brincadeiras distintas e encantadoras. O mesmo ato é desafiante, e isso a instiga a querer mais e mais, tendo assim, oportunidades de desenvolver-se de forma física e intelectual.

O brincar é repetitivo, devido ao fato da criança sentir-se envolvida e realizada na brincadeira, isso lhe dará uma sensação prazerosa, por mais que esteja cansada irá sempre querer mais. Também é uma forma de representação, criação e invenção, desenvolvendo sua expressividade, criatividade e comunicação com o meio em que está inserida. Sobre isso, é importante lembrar dos ensinamentos de Wallon (1879-1962), Piaget (1896-1980) e Vygotsky (1896-1934), percebeu que os mesmos concluíram que em boa parte da comunicação que acontece entre o ambiente e a criança deve-se a brincadeira e é dessa maneira que se expressam. Estes autores tiveram contribuições significativas em relação a infância e até hoje servem de base para muitos estudos.

O psicólogo e filósofo Henri Wallon foi firme ao dizer que a diversão deve ter uma finalidade, deve despertar as capacidades dos pequenos, sem muito se preocupar com a forma didática que é passada. Ao permitir que as crianças brinquem, não devemos tornar a ação um ato maçante e sem atrativos, a imposição de certas regras deve acontecer de forma sutil para que a criança sintam-se livre ao brincar. Para ele, a aprendizagem não se dava apenas por conteúdos, mas por movimentos e afetos, recomendou que as escolas incluíssem em seu dia a dia atividades com jogos e levassem em consideração os interesses das crianças (LA TAILLE et al, 1992).

Já Jean Piaget, em uma das linhas de sua pesquisa, procurava analisar de que forma as brincadeiras afetavam as crianças em diferentes faixas etárias, e o que descobriu mostrava que ao brincar os menores exercitavam sua capacidade de descoberta, através das experiências em brincadeiras que sempre se repetiam. Em relação aos maiores, suas análises apresentavam que eles já se preocupavam com os desafios das brincadeiras e como tornar as

regras mais simples. Isso demonstra que meninos e meninas desenvolvem-se de acordo com a idade e os tipos de brincadeiras de cada fase específica, onde as mesmas servirão para sua construção como ser humano (LA TAILLE et al, 1992).

É claro que as brincadeiras não se desenvolvem de maneira isolada, é preciso que haja a interação de um grupo, e para que isso ocorra, é fundamental a figura de um mediador que irá conduzir esse momento de alegria. Vygotsky destaca a importância do professor e da escola, segundo ele, o professor deve possuir um conhecimento cultural aprofundado, para que enriqueça as brincadeiras e desenvolva o mesmo nas crianças, a escola deve introduzir também elementos desafiadores nas atividades para que desenvolvam habilidades e a consciência, ele diz:

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. (VYGOTSKY, 1987, p.35)

Entre tantas brincadeiras que auxiliam o crescimento intelectual da criança podemos citar o ‘faz-de-conta’, que permitirá que a criança exercite sua imaginação, interpretação, e que aprenda a construir significados mediante à diversas situações e contextos diferentes. Em brincadeiras que envolvam atividades esportivas, ou cantigas de roda, os pequeninos já desenvolvem o respeito aos limites e emoções. Já nas brincadeiras que passam de geração em geração, as crianças aprendem sobre o passado e as histórias antigas tornam-se suas também.

O BRINCAR E A LINGUAGEM ORAL

Entendemos como linguagem oral a relação que é estabelecida com quem se fala de forma direta, um sistema pelo qual podemos comunicar nossos sentimentos e ideias, que pode ocorrer por meio de diálogos, e se utiliza de recursos como expressões faciais, posturas e gestos, que facilitarão para que haja uma melhor compreensão e transmissão da mensagem. Seu objetivo é proporcionar uma comunicação satisfatória.

Nas crianças, essa linguagem é fundamental para que ampliem suas possibilidades de convívio social, e segundo o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (RECNEI), ocorre em função da maturação biológica e precisa de ações educativas que

devem ser planejadas com a intenção de fortalecer essa aprendizagem.

Os menores começam a se comunicar desde muito cedo, antes mesmo de começar a falar, nos primeiros meses de vida os choros e os pequenos sons produzidos pelo bebê são manifestações de expressão, talvez indicando algum desconforto ou sensação boa ou demonstrando seu desejo de comunicação com quem está ao seu redor, para Vygotsky (1987), essa fase é chamada de estágio pré-intelectual do desenvolvimento da fala. A partir de um ano de idade já conseguem identificar quais tipos de sons são voltados a eles, isso porque já possuem um arsenal de competências linguísticas que lhes permitem transmitir e entender a mensagem recebida.

As crianças sentem a necessidade de se comunicar devido as suas vivências no dia a dia, tanto em casa como em ambientes extras, como a escola por exemplo, e é nesse momento que torna-se imprescindível uma dedicação maior de pais e professores para que auxiliem a formação dessa linguagem, podendo desenvolver atividades que a objetivam a evolução da oralidade.

O professor entra nesse momento para auxiliar a criança induzindo-o a falar mais, através da conversação, brincadeiras com palavras, leitura, contação de histórias, pedindo que o mesmo dê recados, peça informação e outras situações que o levem a treinar a fala, sobre isso o RECNEI diz que

[...] quanto mais às crianças puderem falar em situações diferentes, como contar o que lhes aconteceu em casa, contar histórias, dar um recado, explicar um jogo ou pedir uma informação, mais poderão desenvolver suas capacidades comunicativas de maneira significativa (BRASIL, 1998, p.121)

O trabalho com a oralidade é fundamental no processo educativo, mas só tornar-se eficaz quando leva as crianças a explorar sua capacidade de comunicação social, então, o professor, como parte desse trabalho, deve

Criar situações, promover atividades como conversas, discussões, poesia, dramatizações, fantoches, leitura de histórias, entrevistas, musicas, reconto de histórias, trava- língua, debates, exposições orais, de forma a possibilitar que a criança se torne mais comunicativa e tenha uma interação maior com o grupo. (CHAER e GUIMARÃES, 2012, p. 76)

Além do papel do docente, a escola também exerce função significativa no aprimoramento da linguagem oral, segundo Augusto (2011), deve proporcionar no seu ambiente educacional espaços e tempo para estimular a criança oralmente, levando as crianças a vivenciarem situações de comunicação real, como por

exemplo, pedir que as crianças dêem recados para os pais, amigos ou funcionários da escola.

Já que estamos abordando o tema da brincadeira na Educação Infantil, é possível e viável brincar com as palavras, mas de que forma isso aconteceria? Trabalhando textos orais em sala de aula, pois faz com que a criança adquira e guarde conhecimento para toda a vida escolar, e a variedade de textos que trazem uma abordagem mais leve e lúdica é grande. Podemos relacionar essa proposta com o que Augusto (2011, p. 56) diz: “Brincar com palavras é motivo de diversão para as crianças, não é por acaso que as crianças, na educação infantil, entram em contato com esse verdadeiro acervo popular.” Exemplos desse acervo são os textos em forma de músicas, parlendas, trava-língua, adivinhas, e rodas para que as crianças criem e contem suas próprias histórias. Nas rodas “as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas” (BRASIL, 1998, p. 138).

O que fica claro é o fato de que pais e professores são indispensáveis na formação oral da criança, e que as brincadeiras podem contribuir diretamente para isso, basta que seja algo planejado e que atraia as crianças.

Nos processos de ensino aprendizagem feito em escolas é comum ser traçados objetivos e metas para se ter um melhor rendimento escolar, para que seja confirmado se a instituição alcançou resultados suficientes é feito avaliações periódicas para identificar quais foram os pontos positivos e negativos.

É importante saber que o termo “avaliação educacional” foi criado por Tyler (1979) e tinha como objetivo incentivar os professores a melhorarem seus métodos em sala e verificar relação entre as atividades propostas e a capacidade da criança. Desde então, muitos materiais começaram a ser produzidos visando aprimorar os estudos que já existiam sobre o tema.

No Brasil, a partir dos anos 60, a avaliação começa a ser realizada, era quase sempre promovida por órgãos governamentais federais, ou estaduais, através das secretarias de educação, que em muitos casos, por falta de estrutura pediam auxílio a universidades ou instituições privadas. Depois de algum tempo, são criados programas de avaliação promovidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) que pesquisava qual era o rendimento das crianças em algumas séries, o sucesso do programa foi grande que impulsionou e serviu de base para que o Ministério da Educação (MEC) desenvolvesse o SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), que tinha como objetivos principais qualificar os resultados, criar e firmar

competências para avaliação, desde então outros programas surgiram com o mesmo foco.

Voltando para as ideias de Tyler (1979), ele considerava que o processo de avaliação consistia em analisar de que forma os objetivos educacionais estavam alterando ou produzindo mudanças de comportamento, a preocupação que se tinha não era a forma pela qual a criança aprendia, mas o resultado final que era conhecido através da medida. Esse tipo de análise que media o desempenho da criança se tornou popular entre os professores, mas é importante destacar que medir e avaliar não possuem a mesma função. Sobre essa diferença, Depresbíteres diz

[...] O processo avaliativo inclui a medida mas nela não se esgota. A medida diz o quanto o aluno possui de determinada habilidade; a avaliação informa sobre o valor dessa habilidade. A medida descreve os fenômenos com dados quantitativos; a avaliação descreve os fenômenos e os interpreta utilizando também os dados qualitativos. (DEPRESBÍTERES, 1989, p.45)

Como ele mesmo deixa claro, a avaliação não se restringe apenas a medição, ambas em conjunto serão úteis para o objetivo geral de melhoria do ensino. Uma separada da outra não surtirá o efeito desejado, pois o ato de medir classifica a criança e não busca tratar de suas dificuldades. Relacionando com a área da brincadeira e sua importância para a linguagem oral, podemos dizer que a medição servirá para identificar quanto de habilidade na área da linguagem a criança possui, e a avaliação informará o valor da mesma.

Devemos entender e saber diferenciar os tipos de avaliação, para saber qual deve ser usada em determinada situação, Bloom (1983) classificou em três tipos: diagnóstica, formativa e somativa, que são semelhantes dependendo da função que devem cumprir.

A avaliação diagnóstica mostra as dificuldades que a criança apresenta, diz em qual nível o mesmo está esse é o ponto de partida para o trabalho em sala de aula, geralmente essa sondagem é feita no começo e no fim do ano, para que a escola e professores saibam qual era a dificuldade, se preparem para melhor para tratá-la e se houve melhoria da mesma.

A formativa irá analisar como se deu o processo de aquisição do conhecimento em sala, e a somativa, a mais usada hoje em dia, é uma avaliação geral que atribui notas, classificando e dando importância maior para o quantitativo, geralmente o instrumento usado são as provas e acontecem em fim de período.

Na Educação Infantil é mais comum utilizar o método diagnóstico e formativo, quando se trata de avaliar de que forma a brincadeira auxilia o processo da linguagem oral a mais adequada seria a diagnóstica, pois ela permite conhecer a criança, saber quais conhecimentos o mesmo já possui e em que nível está sua

oralidade, identificar as causas das dificuldades, suas necessidades e habilidades, e dar ao professor espaço para reorganizar seus métodos e instrumentos de ensino frente às dificuldades encontradas na turma para que a criança seja mais bem atendida, Machado (1995, p.33) menciona: “a avaliação diagnóstica possibilita ao educador e educando detectarem, ao longo do processo de aprendizagem, suas falhas, desvios, suas dificuldades, a tempo de redirecionarem os meios, os recursos, as estratégias e procedimentos na direção desejada”

Hoffman (2007) afirma que na avaliação na pré-escola deve-se ter um olhar sensível e reflexivo sobre a criança, pois é primordial analisar o potencial de aprendizagem, sempre tendo como alvo pedagógico o desenvolvimento do potencial avaliado e, não apenas a simples determinação dos déficits de aprendizagem.

O professor deve estar atento ao momento da brincadeira, pois ali ficará claro as especificidades de cada criança, deve dar a importância devida a esse momento, aplicando regras de forma sutil, usando diversos instrumentos para avaliar, precisa estar ciente do seu papel como educador e auxiliador nesse processo de ganho da linguagem, não pode avaliar de forma tradicional e precisa ter conhecimento de teorias que falem sobre aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados, conclui-se que a brincadeira proporciona a criança desenvolvimento cognitivo, aumento da autoestima, internalização da ideia de regras, amadurecimento emocional e pode influenciar de maneira direta para a evolução da fala.

Em meio a tantos benefícios, torna-se imprescindível que o professor e a escola estejam bem preparados para receber as demandas diversificadas, ofereça uma estrutura adequada, que venha atender as expectativas dos pais e filhos, primando por um ambiente acolhedor e proporcionando possibilidades de desenvolvimento social e intelectual, utilizando a brincadeira como recurso para tais fins.

Com o avanço das tecnologias e as mudanças sociais as brincadeiras estão sendo deixadas de lado e substituídas por objetos eletrônicos, como forma de preencher o tempo que muitas crianças ficam sozinhas em casa, essa ação só trará prejuízos para o desenvolvimento físico e intelectual dos pequeninos. Diante dessa perspectiva, faz-se necessário um espaço apropriado para que se desenvolvam

brincadeiras atrativas e importantes para o crescimento, nesse momento, entra a escola e os professores como suporte para a construção desse processo.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Silvana de Oliveira. **A linguagem oral e as crianças: possibilidades de trabalho na educação infantil.** Educação Infantil: diferentes formas de linguagem expressivas e comunicativas. Caderno de formação: didática dos conteúdos formação de professores. Universidade Estadual Paulista. Pró - Reitoria de Graduação. UNIVESP, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 1, p. 52-64

BLOOM, Benjamim S. et. ai. **Manual de avaliação formativa e somativa do aprendizado escolar.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 3.

CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental.** Pergaminho, (3): p. 7188, nov. 2012

DEPRESBÍTERIS, Léa. **O desafio da avaliação da aprendizagem: dos fundamentos a uma proposta inovadora.** São Paulo: EPU, 1989.

FRIEDMANN, Adriana. O papel do brincar na cultura contemporânea. **Revista Pátio: O Faz-De-Conta na Educação Infantil. Ano I, n. 3, p. 14-16, 2004.**

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança.** Mediação, 2007.

DE LA TAILLE, Yves; DE OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** Summus editorial, 1992.

MACHADO, Maria Auxiliadora C. Araújo. **Diagnóstico para superar o tabu da avaliação nas escolas.** *AMAE Educando*, n. 255, out.1995.

MEIRA, Ana Marta. **A cultura do brincar.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. (Dissertação de Mestrado)

TYLER, Ralph Winfred. **Princípios básicos de currículo e ensino.** Tradução de: Leonel Vallandro. 6. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.